

A SABEDORIA DO DESESPERO OU COMO CONSTRUIR A FELICIDADE SEGUNDO COMTE-SPONVILLE

ANDRÉ COSTA SANTOS¹

Resumo: Embasado em pesquisa bibliográfica, no presente artigo, busca-se compreender a definição de desespero presente, de maneira original e pungente, na filosofia de André Comte-Sponville, e relacioná-la com a construção da felicidade. Segundo Sponville, o desespero é condição necessária e indispensável para compreender a natureza e ou matéria como fundamento de si mesma. Todos os males da humanidade são debitados, segundo o pensador em estudo, da virtude teologal da esperança. Sponville se apressa em apresentar sua própria virtude pessoal: o desespero, remédio contra o veneno da esperança. A felicidade, por sua vez, é o resultado de todo desespero. Quem nada espera, realiza mais facilmente todos os seus desejos e se rejubila com a vida tal como ela é. Nesse sentido, a felicidade é verdadeira e possível. Se verá, portanto, que a sabedoria do desespero abriu caminhos para a construção de uma felicidade desesperada.

Palavras-chaves: Sponville, desespero, sabedoria, ética, felicidade.

¹ Pós-Graduação em Filosofia e Ensino de Filosofia e Pós em Aconselhamento Filosófico. Atualmente sou Tutor Presencial dos Cursos de Filosofia, Geografia e Teologia do Claretiano Rede de Faculdades.

1. INTRODUÇÃO

O tema do *desespero* é fundamental para compreender como a desilusão é uma marca característica do tempo em que vivemos. O ser humano vive à procura de sentido para a sua existência, e muitas vezes encontra esse sentido em esperanças que não se concretizam, causando frustração e decepção. Como despertar o homem do sonho de esperanças enganadoras? Como iluminá-lo, a fim de perceber, que sua felicidade começa com a morte de toda a esperança? Pesquisar sobre o problema do *desespero* é importante para que possamos ter uma compreensão da atual condição do homem no mundo e por quais caminhos andar até que chegue à felicidade.

Comte-Sponville é um pensador que reflete sobre o *desespero*. Ele abre caminhos para que se faça uma análise crítica da atual condição da sociedade, muito mais do que apontar caminhos a ser seguido, o filósofo se preocupa com os princípios que justificam a ação do homem no mundo da vida.

Ao pesquisar sobre o problema do *desespero* em Comte-Sponville pretende-se estabelecer uma relação entre o *desespero*, como forma de afirmar a vida, com os atuais problemas da sociedade contemporânea, entre eles, a busca pela felicidade ou sua negação, a frustração/desilusão. Mas estaria realmente a desilusão relacionada com a tradição judaico-cristã? Ou seria ela fruto do ateísmo prático da sociedade ocidental? Qual será o critério da felicidade? Responder tais questões não é tarefa fácil, mas de suma importância para a compreensão do homem na sociedade atual, e para entender e buscar possíveis soluções para as mazelas que atingem a sociedade contemporânea.

2. CONCEITO DE DESESPERO SEGUNDO COMTE-SPONVILLE

Antes de apresentar a definição de *desespero*, faz-se necessário clarear a compreensão que Sponville tem de esperança. Para ele, existem três características que definem o que seja esperança, a saber: *esperar é desejar sem gozar, esperar é desejar sem saber e esperar é desejar sem poder* (SPONVILLE, 2001, p 58). Isto é, o que pertence ao futuro nos escapa, não podemos experimentar o seu gozo efetivo e realizador, por isso esperamos sem gozar; mas também não depende de nós garantirmos que o nosso desejo foi ou será satisfeito, o que inevitavelmente nos obriga a esperar sem saber; uma vez que esperamos sem gozar e sem saber, concluímos que sempre esperamos o que não depende de nós ou o que não temos a devida capacidade de fazer, forçando-nos a esperar sem poder. Como se vê, o ponto de partida para toda a

compreensão da esperança, e conseqüentemente do desespero, é o desejo. Como Sponville diz: “[...] temos de partir do desejo. Não apenas porque o desejo é a própria essência do homem, mas também porque a felicidade é o desejável absoluto [...], e enfim porque ser feliz é ter o que desejamos” (SPONVILLE, 2001, p. 24-25).

Comentando a compreensão de desejo para Sponville, Firmino e Kaitel declaram:

O filósofo André Comte-Sponville propõe que, em uma discussão acerca do tema da felicidade, um primeiro ponto a se investigar é a questão do desejo, pois, “ser feliz é – pelo menos numa primeira aproximação – ter o que desejamos”. Nesse ponto, o autor critica a noção platônica de desejo – entendido como falta – e afirma que, se levarmos em consideração aquilo que é proposto em Platão – “o que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor” Porque o desejo é falta, e porque a falta é um sofrimento. Como você pode querer ser feliz se lhe falta, preciosamente, aquilo que você deseja? Se o desejo é falta, só desejamos o que não temos. O que acontece é que após a sua satisfação já não há falta, portanto não há desejo. A partir daí temos o que desejávamos, mas não o que desejamos. (FIRMINO; KAITEL, 2014, p. 477).

Como podemos perceber, desde Platão, o desejo é falta. E como a falta nos traz sofrimento, e só sofremos porque esperamos, deve-se abandonar toda a esperança: “A última esperança é não ter mais o que esperar” (SPONVILLE, 2006, p. 11). Talvez a sentença mais aguda contra a esperança, concretizada por nosso filósofo em estudo, tenha sido essa: “Cada nova esperança só existe para tornar suportável a não-realização das esperanças precedentes, e essa fuga perpétua em direção ao futuro é a única coisa que nos consola do presente” (SPONVILLE, 2006 p. 7). Ou seja, toda forma de angústia, ansiedade, cansaço, mal-estar, desilusão, frustração, crise existencial e decepção, são conseqüências diretas para os que vivem de esperança em esperança. A esperança além de provocar esses males, os reproduzem indefinidamente. Se diz que “quem espera sempre alcança”, à moda sponvilleana, na verdade, é quem nada espera que alcança tudo. Citando Spinoza, ele afirma que “da esperança frustrada nasce uma tristeza extrema. E que esperança não é frustrada? Não há esperança que não seja impotência da alma e promessa de tristeza” (SONVILLE, 2006, p. 17).

Como a esperança é um mal ou uma pedra no caminho da existência, Comte-Sponville propõe-nos o desespero como redenção. Mas ele mesmo reconhece que o desespero nunca é primeiro:

Porque o desespero, mesmo o mais neutro, nunca é um estado original; sempre supõe a forma previa de uma recusa. A esperança é primeira; logo, é necessário perdê-la. O *des-espero* indica essa perda, que não é a princípio um estado, mas uma ação. O desespero sempre vem depois. É a ave de Minerva da alma, e seu começo (SPONVILLE, 2006, p. 16).

Fazendo uso da imagem da ave de minerva, Sponville deixa clara a necessidade de se fazer morrer toda esperança, para, do pó dessa, ressurgir o desespero, como salvação e redenção, pois quem nada espera, tudo alcança.

Já na introdução da sua já afamada obra *Tratado do desespero e da Beatitude*, Comte-Sponville (2006) torna pública a sua vontade de escrever um tratado do desespero como saúde da alma, e que estaria para a esperança assim como a serenidade está para o medo. E sentencia que “a minha virtude teologal é o desespero” (SPONVILLE, 2006, p. 16).

Já é pública a opção de Sponville pelo ateísmo materialista.

O materialismo é um pensamento trágico, para o qual, o que tem mais valor (a vida, o espírito) é justamente o que vai morrer [...] o que posso esperar? Nada além da morte, logo nada de absoluto: ‘todo o contentamento dos mortais é mortal’, e a vida só vale, se é que vale, em sua finitude (SPONVILLE; FERRY, 1999, p. 34).

A esperança prende o homem num futuro não realizado, justamente porque ela está fundamentada no absoluto. Sabedoria dos antigos. Sabedoria materialista. Na concepção sponvilleana, materialismo e desespero andam juntos porque a realização está nesse mundo, e não para além dele. E ainda testemunha “o que aprecio no materialismo é, antes de mais nada, esse desespero. Não crer em nada. Considerar a natureza sem acréscimo estranho: a natureza indiferente, sem esperanças nem temores” (SPONVILLE, 2006, p. 18).

Mas a final, o que é mesmo o desespero sponvilleano? Ele mesmo responde:

[...] o desespero, no sentido em que o considero, é um estado neutro. É o grau zero da esperança. Nada mais, nada menos. É uma espécie de estado sem futuro [pois não há futuro que não seja de esperança], cuja possibilidade e cuja consequência trata-se, precisamente, de avaliar. O desespero é o próprio presente. Em outras palavras: a eternidade de viver [...] Sim, é *um tratado do desespero* que empreendo

aqui; mas não como doença mortal [...] Quero escrever um tratado do desespero como saúde da alma (SPONVILLE, 2006, p. 15-16).

Desse modo, o desespero como força, empurra o homem para a vida, para o presente, arranca seus pés de um futuro incerto. Um desespero que não pode ser identificado com a tristeza ou o tormento de um suicida. Comte-Sponville continua:

O desespero dá asas. Quem perdeu tudo, torna-se leve, leve... não vejo nisso um elogio da tristeza, antes o contrário. A tristeza é sempre um fardo pesado. O desespero não é a infelicidade [...] ele é muito mais próximo da própria felicidade. O homem feliz é aquele que, como se diz, não tem mais nada a esperar (SPONVILLE, 2006, p. 26).

Por tanto, o desesperado é feliz justamente por nada esperar; a sua vida é vivida no agora da história. Para o desespero a máxima de cada dia: *Carpe Dien*. Viver bem para bem viver.

3. DESESPERO E SABEDORIA OU A SABEDORIA DO DESESPERO

Ainda o desespero. “A única salvação está em renunciar a salvação. A salvação será *inesperada* ou não será” (SPONVILLE, 2006, p. 29). Segundo Comte-Sponville existem três verdades ou níveis do desespero:

Há, primeiro, o que poderíamos chamar de *desespero descritivo*, cuja fórmula (‘primeira verdade santa’) é o celebre *sarvan dukkham*, ‘tudo é dor’: ‘o nascimento é dor, a velhice é dor, a doença é dor, a morte é dor, a união com os que detestamos é dor, a separação dos que amamos é dor, não obter o que desejamos é dor [...]. A segunda ‘verdade santa’ expõe o que poderíamos chamar de *desespero etiológico*, já que se refere à causa do sofrimento. Ora, essa causa é a própria esperança que nos tortura, o que Buda chama de ‘a sede’ [...] a terceira ‘verdade santa’ expõe uma espécie de *desespero programático*: se a origem da dor é a sede, a supressão da dor supõe a *não-sede* – o que chamo de desespero (SPONVILLE, 2006, p. 32).

Sistematicamente podemos resumir as três verdades da seguinte maneira: a vida é desesperadora (“tudo é dor”); a causa é a esperança (“a sede”); o remédio é o desespero (“o fim da sede”).

Comte-Sponville tem a preocupação de ligar o desespero à beatitude, daí o título de sua principal obra *Tratado do desespero e da Beatitude* (2006). Nessa obra, ele faz uma séria análise da situação do homem no mundo atual. A pós-modernidade, o niilismo, a vida sem sentido, o tempo da desilusão, a morte de Deus, o fim das ideologias; a crise das instituições; tudo isto é ao mesmo tempo ameaça e oportunidade para o ser humano.

Certeza das incertezas, eis a marca do nosso tempo. Mergulhados nessas incertezas e no absurdo da existência, como também a confirmação da morte de Deus por parte de muitos hoje em dia, fica o questionamento: como transformar o poder e o fazer em melhor qualidade de vida? A essa pergunta Sponville expõe seus próprios questionamentos e angústias perante a limitação do homem e o fim de seu ideal de existir, a saber: a felicidade. Caindo no círculo vicioso do individualismo, fechado em si mesmo, o homem de hoje se sente totalmente abandonado, desiludido, angustiado, entediado, sem forças para romper as amarras egoístas, e o que é pior, descrente da mudança nos rumos da sociedade em que vive. O cansaço abateu-se sobre o homem pós-moderno e fez dele um ser profundamente decepcionado, como nos é testemunhado:

Nosso tempo seria o tempo do desespero. A morte de Deus, o perecimento das igrejas, o fim das ideologias... mas, vejo nisso muito mais uma obra do cansaço. Por estarem decepcionados, creem-se desesperados... mas, se estivessem de fato desesperados, não estariam decepcionados. Nosso tempo não é o do desespero, mas o do desapontamento. Vivemos o tempo da decepção. (SPONVILLE. 2006, p, 7).

E o que provoca esse cansaço e essa decepção? Nosso filósofo diz que o causa de todo esse desapontamento, decepção e o cansaço se devem à esperança. Ela é a grande vilã da história da humanidade. Abandonando-a, vive-se mais sabiamente. Só a sabedoria é capaz de dar ao homem as condições necessárias para atravessar os labirintos da existência. Com essa proposição, Sponville tem a ousadia e originalidade de dar à filosofia a oportunidade de voltar às suas fontes primeiras, recuperando seu sentido de amor pela sabedoria.

O sábio, diante da atual situação de desencantamento e decepção – com tudo que abarcam – terá a postura de nada mais esperar e tudo viver, de viver bem e bem viver, de ter na filosofia o seu mais alto grau de expressão: “*pensar sua vida, portanto, e viver seu pensamento: prazer e grandeza da filosofia*” (SPONVILLE *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 123).

Cabe, então, à filosofia conduzir o homem a uma vida prudente e sabia, a um grau mais elevado de realização. Uma vez que, todas as promessas da modernidade: emancipação social e política, liberdade, autonomia, emancipação individual, progresso em todas as dimensões, esclarecimento etc., acabam por conduzir o homem a sucumbir em grande desilusão, faz-se necessária uma recuperação do sentido da filosofia.

Para Sponville a *“filosofia é uma atividade que, por discursos e raciocínios, nos proporciona uma vida feliz”* (SPONVILLE, 2006, p. 37). Ele mesmo informa que essa definição é toda de Epicuro, e não necessita de nenhum acréscimo. A felicidade do sábio consiste em nada mais esperar e em nada mais desejar, e por isso mesmo, não age na espera de uma futura recompensa, e agindo assim, o sábio é completamente desesperado, já que não tem mais nada a esperar. Sabedoria do desespero: *“o máximo de sabedoria, no máximo de lucidez”* (SPONVILLE, 2001, p.12). Trata-se não mais esperar viver bem, mas viver bem; não mais de esperar amar, mas amar de verdade; não mais de esperar ser feliz, mas viver a felicidade no aqui e agora. *“Não se trata de se impedir de esperar: trata-se de aprender a pensar, a querer e a amar! ‘o sábio é sábio’ [...] não por menos loucura, mas por mais sabedoria”* (SPONVILLE, 2001, p. 87).

Portanto, o sábio na concepção sponvilleana é aquele que age mais que espera, ama mais que espera amar, é feliz mais que espera ser feliz. A beatitude, que é tomada de Spinoza, é aqui apresentada como um despertar do sono da esperança. É tornar-se menos dependente dela. É acreditar ser possível uma felicidade do presente: *“a beatitude é a consumação do desespero; o desespero, o lugar da beatitude”* (SPONVILLE, 2006, p. 34).

4. A FELICIDADE EM ATO OU A FELICIDADE DESESPERADAMENTE

A ideia central do pensamento sponvilleano é a de que a matéria é o fundamento e a razão de ser de tudo que existe. Sua concepção materialista do mundo põe fim a toda e qualquer esperança. O desespero como prática e não como teoria possibilita a concretização da própria filosofia, que é *“uma atividade cujo objetivo é assegurar uma vida feliz”* (SPONVILLE, 2006, p.37), como bem definiu Epicuro. Como se vê, a filosofia não é somente mero jogo de palavras ou só discursiva, mas é, sobretudo, uma prática de vida, uma ação que tem como finalidade a felicidade.

Mas, afinal de contas, é possível ser feliz? Na concepção sponvilleana não só é possível, como também essa é a razão da nossa existência. Como dito anteriormente, é necessário partir do desejo. A primeira noção de felicidade apresentada por

Sponville é que ser feliz é ter o que desejamos (SPONVILLE, 2001, p. 25). Nesse ponto, é feita uma crítica à ideia platônica de desejo, compreendido como falta: “o que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor” (SPONVILLE, 2001, p. 26). Assim apresentada, a felicidade se torna algo impossível de ser alcançado, justamente porque “o desejo é falta e porque a falta é um sofrimento. Como você pode querer ser feliz se lhe falta, precisamente, aquilo que você deseja?” (SPONVILLE, 2001, p. 26).

É claro que o desejo pode e deve ser satisfeito. O problema é, aponta Sponville, quando o desejo é satisfeito já não temos o que desejamos, mas o que desejávamos. E a satisfação do desejo, recorda Sponville citando Schopenhauer, nos leva ao tédio (SPONVILLE, 2001). A conclusão é, para sermos felizes, precisamos deixar de ser platônicos. Todo pensamento baseado na ideia de falta, nesse sentido, nos leva a uma compreensão de felicidade amparada na esperança. E essa é um veneno, cujo antídoto é o desespero.

A partir do momento em que esperamos a felicidade (*‘como eu seria feliz se...’*), não podemos escapar da decepção: seja porque a esperança não é satisfeita (sofrimento, frustração), seja porque ela o é (tédio ou, mais uma vez, frustração: como só podemos desejar o que falta, desejamos imediatamente outra coisa e por isso não somos felizes...) (SPONVILLE, 2001, p. 36-37).

Mas, há também, desejo que não seja falta, que não se baseia em esperança, mas que se baseia no prazer e na alegria. E são justamente o prazer e a alegria que nos “cura” do círculo vicioso da esperança, “porque fazemos o que desejamos, porque desejamos o que fazemos” (SPONVILLE, 2001, p. 48).

A felicidade em ato, ou a felicidade concretamente vivida e experimentada, só é possível ao des-espero, cuja sabedoria está em encontrar a realização na felicidade de cada dia. Comte-Sponville afirma que

É o que chamo de felicidade em ato, que outra coisa não é senão o próprio ato como felicidade: desejar o que temos, o que fazemos, o que é — o que não falta. Em outras palavras, gozar e regozijar-se... Essa é uma “felicidade desesperada, pelo menos em certo sentido: é uma felicidade que não espera nada” (SPONVILLE, 2001, p. 49).

O desespero, que possibilita a felicidade presente, não é concebido como sinônimo de infelicidade, mas tão somente o abandono de toda e qualquer esperança. Mas esse caminho não é de tudo muito fácil. O próprio Sponville reconhece que é

extremamente doloroso e sofrido esse caminho, por isso, citando Spinoza, ele diz que é preciso fazer “um esforço para nos tornar menos dependentes da esperança” (SPONVILLE, 2001, p. 66-67).

Na sua compreensão positiva do desespero – nada de tristeza, niilismo, renúncia ou resignação (SPONVILLE, 2001, p. 67) – o citado filósofo propõe-nos um *gaio desespero*, que é a prática sabia de nada esperar para tudo ter. Porque todo obstáculo para a felicidade encontra-se na esperança, sempre baseada no desconhecido, no futuro, e mais ainda em nossa limitação e impotência. Ao esperarmos o que não depende de nós, entregamos nossas satisfações ao que escapa ao nosso controle. Toda esperança – de um mundo melhor, de moradia melhor, de um emprego melhor, de condições sociais melhores, de pessoas melhores – frustra a si mesma, e nunca vivemos o que desejamos. A felicidade em ato ou o ato da felicidade consiste justamente na prática sabia de acreditar que já temos o suficiente e necessário para gozar de uma vida boa e uma boa vida, não temos mais nada a esperar ou a temer: “o sábio, dizia eu, não tem mais nada a esperar/ aguardar, nem a esperar/ ter esperança. Por ser plenamente feliz, não lhe falta nada. E, porque não lhe falta nada, é plenamente feliz” (SPONVILLE, 2001, p. 67).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pensamento sponvilleano, o desespero ocupa lugar central na busca e na construção da felicidade. Nesse sentido, a própria filosofia atual ganha um sopro de originalidade, com a relação da sabedoria com a felicidade: o máximo de sabedoria, no máximo de lucidez. O homem sábio é justamente aquele que aprendeu a nada esperar, e por isso mesmo, tem tudo como dádiva a ser usufruída.

O filósofo francês ao estabelecer que todos os males se originam numa vida esperançosa, liberta o homem da prisão e da ilusão, quando, ao invés de viver bem, espera viver bem, coloca a conquista da felicidade em esperanças que lhe angustia e frustra. Ele nos convida a abandonar toda esperança se quisermos viver a vida dada como tal.

Destarte, por meio do presente artigo foi possível apresenta a definição de desespero e sua relação com a felicidade no pensamento sponvilleano, que diante do sentimento de decepção que pesa sobre o nosso tempo, se apresenta como cura da alma. O desesperado é feliz justamente por nada esperar; a sua vida é vivida no agora da história. Comte-Sponville nos oferece uma sabedoria prática e a prática da sabedoria para viver uma vida feliz.

REFERÊNCIAS

FIRMINO, Carlos Eduardo; KAITEL, Alexandre Frank Silva. A noção de felicidade em Freud e Comte-Sponville: possíveis aproximações e distanciamentos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 31, n. 74, p. 473-481, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index/php/PA?dd1=12238&dd99=view>>. Acesso em: 02 de maio de 2014.

HUISMAN, Denis. Dicionário de obras filosóficas. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan (org.). Dossiê Cult: filosofia contemporânea. Editora 17, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Giovani Paulino. A ética materialista e a sabedoria do desespero em Sponville. **Revista Reflexões**, ano 3, n. 4, p. 118-129, jan./jun. Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://www.revistareflexoes.com.br/!/artigos>>. Acesso em: 02 de maio de 2014.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: do romantismo até nossos dias. v. 3. 8. ed. Paulus, São Paulo, 2007.

SILVEIRA, Marli. O pêndulo angústia. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2003.

SPONVILLE, André Comte-. Tratado do desespero e da beatitude. Trad. Eduardo Brandão. Revisão Técnica Luis Felipe Pondé. 2. ed. 1 Martins Fontes, São Paulo, 2006.

_____. *A felicidade, desesperadamente*. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

_____. *Bom dia, angústia!* Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes, São Paulo, 1997. (mesmo que o céu não exista).

_____. *O amor a solidão*. Entrevistas com Patrick Vighetti, Judith Brouste, Charles Juliet. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. Martins Fontes, São Paulo, 2006. (Mesmo que o céu não exista).

_____. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 1997.

_____. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. Martins Fontes, São Paulo, 2009.

SPONVILLE, André Comte.; FERRY, Luc. A sabedoria dos modernos: dez questões para o nosso tempo. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

STEGMÜLLER, Wolfgang. A filosofia contemporânea: introdução crítica. Trad. Aداury Fiorotti e Edwino A. Royer, et al. 2. ed. Rio de Janeiro, 2012.